

Lia Faria - Yolanda Lobo. Organizadoras. Vozes Femininas do Império e da República: Caminhos e Identidades. Rio de Janeiro, 2013.

PREFÁCIO

Rachel Soihet

As contribuições de pioneiras nos mais diversos âmbitos, dando mostras da possibilidade de as mulheres atuarem como sujeitos da história, constituem o objeto da obra organizada pelas professoras Lia Faria e Yolanda Lobo. Assim, elas emergem como educadoras, líderes políticas, libertárias, militares, atrizes, sem esquecer herdeiras de fazendas de café que rompem com os padrões de sua época, todas elas capazes de gerir o próprio destino e concorrer para a construção de um mundo melhor para todos. E não poucas foram as di culdades encontradas.

Lembremos que, em parte do período abordado, fins do século XIX e inícios do século XX, a conjuntura ainda se apresentava pouco favorável a esses anseios. De acordo com a Igreja Católica a atuação primordial das mulheres deveria ocorrer na família, e a desobediência a essa norma, em decorrência da propaganda equivocada em prol da participação feminina na esfera pública, resultaria na diminuição das “mulheres honestas para aumentar as cínicas falanges das que não o são”. Uma publicação da época chegou a apelar no sentido de se “deixar a mulher no interior da família, de onde não deve sair a mulher feliz, altiva, ornada com a dupla coroa, o amor do marido e dos filhos”¹.

Grande parte da intelectualidade seguia a mesma trilha. Em fins do século XVIII, os iluministas afirmaram a igualdade de direitos para todos os homens, ao mesmo tempo em que excluíram as mulheres. Rousseau propôs uma educação que conduzisse à autonomia. Com relação à mulher, porém, a educação deveria ser diversa. Nela não se deveriam cultivar as qualidades masculinas, pois a “mulher é feita especialmente para agradar ao homem” e “para obedecer também”. Segundo Diderot, a Encyclopédie deveria “sacudir o jugo da autoridade e do exemplo para se ater às leis da razão”. No que tange, porém, à posição da mulher no casamento, indicou que a chave estaria “na fonte mais pura... a própria Escritura”, reconhecendo que ela deveria obedecer ao marido a quem pertencia por decreto divino. Ainda de acordo com aquela obra, a desigualdade entre os sexos era um imperativo da natureza, que, de um lado, colocou a força e a majestade, a coragem e a razão, e, do outro, as graças e a beleza, a neza e o sentimento. Caberia à educação favorecer o desenvolvimento das especi cidades de cada sexo, pois “o que é charme ou virtude em um sexo é defeito ou deformidade no outro”².

¹ CONSELHOS prudentes às senhoras. O Apóstolo. 7/4/1880.

² CRAMPE-CASBANET, Michelle. Las mujeres en las obras losó cas del siglo XVIII. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirección). Historia de las mujeres en Occidente.3. Del Renacimiento a la Edad Moderna. Madrid: Ed. Taurus, 1992, p. 335-369. BURKE, Maria Lucia. G. Palhares. Ousadia feminina e ordem burguesa. Estudos Feministas. V.1 N.2. Rio de Janeiro, CIEC-ECO-UFRJ, 199, p.247/248.

Mudanças ocorridas nos séculos XVIII e XIX, relativas a crenças tradicionais sobre o corpo e a sexualidade humana, são utilizadas para ratificar os pressupostos de desigualdade entre os sexos a nível social. Ultrapassa-se a concepção quanto às semelhanças estruturais entre o corpo masculino e o feminino, à homologia dos órgãos genitais, cuja diferença se pensava residir apenas em estar oculto nas mulheres, o que nos homens era aparente. Agora, as novas diferenças reconhecidas nos genitais serviam de indicadores para as ocupações diversas de cada sexo: esfera privada para as mulheres e pública para os homens. O corpo feminino é utilizado para negar toda possibilidade de comparação entre homens e mulheres, em termos de um critério comum de cidadania³.

A inferioridade feminina, que encontra suas raízes na diferença sexual, entender-se-á a todo o seu ser, em particular às suas faculdades intelectuais. Constituem-se as mulheres, de acordo com a maior parte dos filósofos iluministas, no ser da paixão, da imaginação, não do conceito. Não seriam capazes de invenção e, mesmo quando passíveis de ter acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade. A beleza, atributo desse sexo, era incompatível com as faculdades nobres, gurando o elogio do caráter de uma mulher como uma prova de sua fealdade. O sentimento e a razão apresentavam-se como suplementos da beleza. Para a maior parte dos iluministas, era patente a menor possibilidade das mulheres de abstrair e de generalizar, ou seja, de pensar. Assim, o processo genético dos conhecimentos que conduz ao pensamento abstrato teria na mulher ficado congelado, completandose, apenas, nos varões. A mulher teria permanecido na etapa da imaginação. Não a imaginação que geneticamente contribui para o conhecimento, mas aquela enganosa, que nos faz tomar os desejos por realidades, cujo excesso pode levar à loucura e, mesmo, à morte.

Nelas, portanto, a inferioridade da razão era um fato incontestável, bastando-lhes cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser-lhe el, cuidar dos lhos. Relacionandose com o mundo apenas no nível do concreto, mantinham-se perpetuamente na infância, incapazes de ultrapassar o mundo da domesticidade, que lhes fora legado pela natureza. Conclusões contraditórias, considerando-se, naquele momento, a existencia de mulheres que animam os salões, nos quais se difunde o espírito filosófico, contribuindo para o brilho da literatura e a difusão das ciências.

Tais pressupostos difundem-se e ganham força durante o século XIX, adquirindo respaldo científico. A medicina social assegura constituírem-se como características femininas, por razões biológicas, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava a sua força física a uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios... Paradoxalmente, transparecia a delidade desses discursos aos princípios cristãos, em que pese o tom anticlerical que assumiam em nome da ciência, o ídolo do momento. Por outro lado, aquelas características femininas, das quais ressaltam a menor inteligência e a sensibilidade sexual, levavam Cesare Lombroso, médico italiano e nome conceituado

³ LAQUEUR, Thomas. La fabrique du sexe: Essai sur le corps et le genre en Occident. Paris: Galilimard, 1990, p. 38.

da criminologia em fins do século XIX, a justificar que as leis contra o adultério só atingissem a mulher cuja natureza não a predispunha para esse tipo de transgressão. Aquelas dotadas de erotismo intenso e forte inteligência eram despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal, sendo extremamente perigosas. Constituíam-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas, que deveriam ser afastadas do convívio social⁴.

Principalmente a partir da segunda metade do século XIX, transformações que se apresentavam nos mais diversos âmbitos, aliadas às insatisfações de muitas das mulheres inconformadas com sua exclusão do terreno público, contribuem na emergência de movimentos de mulheres na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, fazendo-se sentir na América Latina e no Brasil, com vistas à modificação desse quadro. Criando uma imprensa própria, organizando associações, quer as que se limitavam a uma postura liberal, quer as que vinculavam suas propostas à instauração de uma sociedade igualitária, lutam as mulheres pelo reconhecimento de direitos⁵.

A obra em foco nos conta uma parte importante da história das mulheres que lutaram por uma transformação nessa ordem de coisas e deixa claro que elas enfrentaram os mais diversos desafios para garantir um mundo mais pleno para todos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Lia Ciomar Macedo Faria
Yolanda Lobo

I - CAMINHOS PEDAGÓGICOS

Helena Antipoff (1892-1974): as ciências da educação e a família
Regina Helena de Freitas Campos

Entre um o de veludo ou de retrós: as narrativas de ex-alunas da Escola Doméstica de Natal
Yolanda Lobo

Alice Cooper: educadora e professora na Inglaterra no final do século XIX e início do século XX
Ruth Watts

⁴ LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. *La Femme Criminelle et la prostituée* (traduction de l'italien). Paris, 1896. As referências a Lombroso ao longo do texto foram retiradas do meu trabalho: *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.

⁵ KAPPELI, Anne-Marie. Escenarios del feminismo. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirección). *Historia de las mujeres en Occidente*. 4. El siglo XIX, p.513.

O Colégio Jacobina nas vozes de alunas e mestras: um estudo a partir do jornal Traco de União (anos 1930-1950)

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi e Talitha dos Prazeres Berner

Militares brasileiras do século XXI: o legado de Maria Quitéria?

Elaine Borges Tardin

Profissão e identidade nos discursos de professoras primárias portuguesas

Maria João Mogarro

II - CAMINHOS LIBERTÁRIOS

A utopia de Henriette Amado: uma voz feminina na educação uminense

Silvio Claudio Souza e Carla Zottolo Villanova Souza

Honestalda de Moraes Martins: uma pioneira na política uminense

Marieta de Moraes

Costureira, artista, prostituta ou cidadã?: as francesas no espaço público carioca no século XIX e suas vozes dissonantes

Marinete dos Santos Silva

Nem senhora, nem serva!: anarquismo, educação e emancipação feminina

Edna Maria dos Santos, Lia Ciomar Macedo de Faria e Rogério Cunha de Castro

III - CAMINHOS LATINO-AMERICANOS

Mulher liberal de tres épocas: Dolores Jiménez y Muro, professora, jornalista, escritora e revolucionária zapatista

Oresta López Pérez

Educação feminina: história, poder e sociedade no Peru

Sara Beatriz Guardia

APRESENTAÇÃO

LIA CIOMAR MACEDO DE FARIA

YOLANDA LOBO

O primeiro volume do livro *Vozes femininas do Império e da República*, organizado pelas professoras Yolanda Lobo e Lia Faria, inspirouse em estudos realizados pelo conjunto das autoras, desvelando o espaço feminino na construção das identidades luso-brasileiras, durante os períodos do Império e da República, através de falas imperiais, literárias e apaixonadas, particularmente nas áreas de educação e da cultura.

Nessa perspectiva, a obra inicial buscou descortinar ideologias e utopias presentes no imaginário feminino, apontando para a construção histórica do gênero feminino, em Portugal e no Brasil.

Neste segundo volume, vozes são revisitadas a partir das pesquisas tecidas por um novo conjunto de autoras, marcando a construção de outros caminhos e identidades, que, por sua vez, chegam através das discussões vindas da América Latina e Europa, mas sem abandonar a perspectiva do aprofundamento das relações e das marcas luso-brasileiras analisadas anteriormente. São caminhos de lutas feministas que portam novas aspirações e, sobretudo, novas representações que as mulheres fazem de si e do seu lugar na vida social. As vozes femininas do passado ecoam no presente e querem ser ouvidas. E mais: deixam um testemunho de que é preciso prosseguir na luta pela igualdade de direitos políticos e sociais da mulher.

A obra se divide em três partes, a saber: I – CAMINHOS PEDAGÓGICOS, com seis textos; II – CAMINHOS LITERÁRIOS, com cinco contribuições; e III – CAMINHOS LATINO-AMERICANOS, com duas pesquisas de autoras do México e do Peru.

Entre as instituições representadas por esses autores, podemos citar: UERJ, UENF, UFMG, FGV, Universidad de San Martín de Porres, University of Birmingham e El Colegio de San Luis AC, México.

Dessa forma, abrimos a primeira seção, com o trabalho “Helena Antipoff (1892-1974): as ciências da educação e a família”, de autoria da pesquisadora da UFMG, professora Regina Helena de Freitas Campos. A trajetória de Helena Antipoff demarca a construção da área da psicologia educacional no Brasil, tendo sua escola formado gerações de professores. Em seguida, a professora Yolanda Lobo nos apresenta um estudo sobre o ensino profissional feminino oferecido na Escola Doméstica de Natal, no Rio Grande do Norte (1914), sob o título “Entre um o de veludo ou de retrós: as narrativas de ex-alunas da Escola Domestica de Natal”. Para tanto, a pesquisadora colheu relatos de egressas do curso secundário doméstico, sinalizando “as matrizes normativas de comportamentos dessa nova mulher para o século XX”.

Na contribuição da pesquisadora inglesa, Ruth Watts, materializada no artigo “Alice Cooper: educadora e professora na Inglaterra no final do século XIX e início do século XX”, emerge a biografia de Alice Cooper (1846- 1917), professora e escritora, considerada uma figura proeminente, em nível nacional, na Inglaterra. Para Watts, essa personagem foi uma pioneira no campo da educação na linha de estudos biográficos.

A pesquisadora Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi, em coautoria com Talitha dos Prazeres Berner, investiga o Colégio Jacobina, no estudo “O Colégio Jacobina nas vozes de alunas e mestras: um estudo a partir do jornal Traco de União (anos 1930-1950)”. Como principal base documental, as autoras privilegiaram o referido periódico. Cabe ressaltar que o Colégio Jacobina, já extinto, se destacou como instituição privada católica, fundada em 1901, que se destinava a moças das camadas sociais mais elevadas do Rio de Janeiro.

O original trabalho da doutoranda Elaine Borges Tardin examina a questão “Militares brasileiras do século XXI: o legado de Maria Quitéria?”. Produto de uma

investigação em curso sobre a presença da mulher num terreno predominantemente masculino, o texto analisa possíveis avanços e novas perspectivas sobre o tema e investiga se o legado de Maria Quitéria tornou-se realidade para as militares brasileiras.

Encerrando essa primeira parte, a pesquisadora portuguesa Maria João Mogarro expõe o trabalho “Profissão e identidade nos discursos de professoras primárias portuguesas, destacando os temas e os valores que dão forma aos discursos sobre a profissão docente.

A segunda parte, organizada em um conjunto de quatro estudos, se inicia com a “aventura interrompida” da educadora Henriette Amado, no período da ditadura militar no Brasil dos anos de 1970, Henrique Amado teve seus passos reconstruídos pelos professores Silvio Claudio Souza e Carla Zottolo Villanova Souza. O texto reflete sobre a atuação de Amado no cenário político-educacional da cidade do Rio de Janeiro, destacando suas marcas no Colégio Estadual André Maurois, com o título “A utopia de Henriette Amado: uma voz feminina na educação uminense”.

Mais uma vez, lançando olhares para pesquisas locais e/ou regionais no estado do Rio, a historiadora Marieta de Moraes discute a trajetória de Honestalda de Moraes Martins, mulher que alguns historiadores consideram a primeira prefeita do Brasil, naquele início do século XX. Falecida aos 90 anos de idade, Honestalda, como a referida Eufrásia, também foi filha de grandes fazendeiros de café e detentora de grande fortuna. O que os dois estudos revelam é que essas personagens femininas rompem com os padrões de sua época, principalmente os patriarcais e machistas, marcando o início da transição do lugar feminino na sociedade brasileira.

A seguir, o artigo da professora da UENF, Marinete dos Santos Silva, intitulado “Costureira, artista, prostituta ou cidadã?: as francesas no espaço público carioca no século XIX e suas vozes dissonantes”, analisa o “movimento de domesticação das mulheres”, no século XIX, enfocando o cenário carioca e os diferentes papéis reservados às mulheres das classes populares.

A pesquisa que encerra essa segunda parte destaca o papel das escolas modernas em São Paulo, inspiradas no pensamento anarquista, que visavam a uma difusão da educação libertária anarquista. Os historiadores Rogério Cunha de Castro, Lia Ciomar Macedo de Faria e Edna Maria dos Santos, da UERJ, desenvolvem investigação acerca da presença feminina e, em particular, de Maria Lacerda de Moura.

Por fim, concluindo o livro, a terceira parte nos traz os estudos das pesquisadoras Oresta López Pérez e Sara Beatriz Guardia, mexicana e peruana respectivamente, que desenvolveram uma investigação acerca da história dos dois países, sinalizando a participação e a educação feminina nessas sociedades. Oresta López Pérez traça a trajetória de Dolores Jiménez y Muro, no artigo “Mulher liberal de tres épocas: Dolores Jiménez y Muro, professora, jornalista, escritora e revolucionária zapatista”, buscando apontar para o caminho precursor desta mulher-militante. Já Sara Beatriz Guardia, no texto “Educação feminina: história, poder e sociedade no Peru”, faz uma análise do processo histórico educacional do século XVIII ao século XX, assinalando os papéis sociais reservados às mulheres naquele país.

Nessa perspectiva, telão presente volume busca descortinar ideologias e utopias presentes nos caminhos e identidades femininas, apontando para a construção histórica do gênero feminino em diferentes espaços/lugares e, ainda, complementar estudos iniciados anteriormente.